

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E EMPODERAMENTO DE MULHERES:
O CASO DA “CASA ECUMÊNICA RECRIANDO A VIDA”**

**SOLIDARITY ECONOMY AND EMPOWERMENT OF WOMEN:
THE CASE OF THE "ECUMENICAL HOUSE RECRUING LIFE"**

**ECONOMÍA SOLIDARIA Y EMPODERAMIENTO DE LA MUJER:
EL CASO DE LA “CASA ECUMÉNICA RECREANDO LA VIDA”**

Helena Cristina da Silva¹
Geraldo Augusto Locks²
Mareli Eliane Graupe³

Resumo

Este artigo reflete uma prática social mediadora de empoderamento de mulheres protagonistas de empreendimentos econômicos solidários na “Casa Ecumênica Recriando a Vida”, localizada em um bairro periférico de uma cidade no interior do Estado de Santa Catarina. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, documental, na qual se utiliza a Roda de Conversa como um método de participação coletiva e reflexão. À luz de considerações de autores como Sampaio et al., Melo e Cruz, Moura e Lima, Simon e Boeira, Guareschi e Bert foram refletidos os conceitos de economia solidária e empoderamento com um grupo de quinze mulheres distribuídas em quatro empreendimentos econômicos solidários. A pesquisa permitiu identificar o empoderamento feminino enquanto processo de autoconscientização e de transformação individual e coletivo, por meio da vivência de valores, tais como, pertencimento grupal, fortalecimento de vínculos interpessoais, reciprocidade, compartilhamento de dificuldades e conquistas, autoestima e comprometimento das participantes no espaço onde “recriam a vida”.

Palavras-chave: prática social; roda de conversa; autoconscientização; transformação.

Abstract

This article reflects a social mediating practice of empowering women protagonists of solidarity-based economic enterprises in the “Ecumenical House Recreating Life” located in a peripheral neighborhood of a city in the interior of the state of Santa Catarina. This is a qualitative, documentary research in which the Conversation Wheel is used as a method of collective participation and reflection. In the light of considerations by authors such as Sampaio, et al., Melo and Cruz, Moura and Lima, Simon and Boeira, Guareschi and Bert, the concepts of solidarity economy and empowerment were reflected with a group of fifteen women distributed in four economic enterprises. sympathetic. The research identified female empowerment as a process of self-awareness and individual and collective transformation through the

¹Graduada em Psicologia pela Universidade do Planalto Catarinense (UNIPALAC). Docente do curso de Psicologia da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPALAC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3036-4588> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4462916912924997> E-mail: helenacristinasilva_9@hotmail.com

²Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPALAC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8361-1656> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8329018518244517> E-mail: prof.gerald@uniplaclages.edu.br

³Doutora em Educação pela Universidade de Osnabrueck, Alemanha. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Programa em Ambiente e Saúde da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPALAC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5489-1361> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8925934554152921> E-mail: prof.mareli@uniplaclages.edu.br

experience of values, such as group belonging, strengthening interpersonal bonds, reciprocity, sharing difficulties and achievements, self-esteem and commitment of the participants in space where they 'recreate life'.

Keywords: social practice; conversation wheel; self-awareness; transformation.

Resumen

Este artículo refleja una práctica social mediadora del empoderamiento de las mujeres protagonistas de emprendimientos económicos solidarios en la “Casa EcuMénica Recreando la Vida”, ubicada en un barrio periférico de una ciudad del interior del Estado de Santa Catarina. Se trata de una investigación documental cualitativa, en la que se utilizaba la Rueda de Conversación como método de participación y reflexión colectiva. A la luz de las consideraciones de autores como Sampaio et al., Melo y Cruz, Moura y Lima, Simon y Boeira, Guareschi y Bert, los conceptos de economía solidaria y empoderamiento se plasmaron con un grupo de quince mujeres distribuidas en cuatro grupos económicos solidarios. La investigación permitió identificar el empoderamiento femenino como un proceso de autoconciencia y transformación individual y colectiva, a través de la vivencia de valores, como pertenencia grupal, fortalecimiento de lazos interpersonales, reciprocidad, compartir dificultades y logros, autoestima y compromiso de las participantes en el espacio donde “recrean la vida”.

Palabras clave: práctica social; círculo de conversación; autoconciencia; transformación.

Introdução

Este artigo reflete uma prática social mediadora de empoderamento de mulheres envolvidas com a economia solidária na “Casa EcuMênica Recriando a Vida”, localizada em um bairro periférico de uma cidade do interior do Estado de Santa Catarina. O *locus* e sujeitos da pesquisa foram eleitos considerando-se a existência de uma prática social compreendida como relevante e, ao mesmo tempo, desconhecida no universo da academia local e por grande parte da sociedade mais abrangente. Outro dado, não menos importante, residiu na identificação do protagonismo de mulheres que vivenciam o processo de autoempoderamento e transformação da própria realidade no contexto de uma sociedade “estribada” no sistema do patriarcado, machista, portanto reprodutora de relações assimétricas de gênero e de profundas desigualdades socioeconômicas originárias do modo de produção capitalista de sociabilidade.

O bairro onde se localiza a “Casa EcuMênica Recriando a Vida” é constituído por famílias que foram atingidas por enchente ocorrida em outra área urbana, em 1997, e perderam tudo o que possuíam. Posteriormente, agregaram-se na mesma comunidade outras famílias advindas de áreas verdes da cidade. Estima-se, atualmente, 520 famílias num universo populacional de 3.670 pessoas, segundo registrado em Livro Ata (2013).

Nessa realidade, o mundo do trabalho é caracterizado por pessoas que vivem do trabalho informal, diaristas ou mensalistas na construção civil, no comércio, nos

serviços domésticos, por subempregados ou desempregados. Essa realidade remete ao sociólogo polonês Bauman (2009) ao afirmar que um certo número de pessoas já compõe a *underclass*, isto é, um segmento populacional que não cabe mais numa classe social. São descartados, desclassificados, pois a sociedade os dispensou, os refugou.

Convém destacar nesta breve descrição da realidade o fenômeno da religiosidade, evidente para quem transita pelas ruas do bairro. Há uma diversidade de denominações religiosas, tais como, igreja católica, igrejas evangélicas e pentecostais, incluindo pessoas que se deslocam para outros bairros, participando em outras denominações religiosas.

A diversidade religiosa e a situação de empobrecimento socioeconômico estimularam a criação da “Casa Ecumênica Recriando a Vida”, compreendida como um espaço plural de acesso para todas as pessoas do bairro que manifestem interesse em aderir aos diferentes programas desenvolvidos na Casa. Com essa intencionalidade, em 26 de fevereiro de 2013, foi criada a Associação Serviço Ecumênico Recriando a Vida, tendo como apoiadores externos, nomeadamente o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos e a Comissão Pastoral da Terra, conforme registro no Livro Ata (2013).

Quando iniciamos o trabalho de pesquisa de campo, em meados de 2018, as atividades realizadas na “Casa Ecumênica Recriando a Vida” estavam orientadas por dois focos: o primeiro, nomeado de economia solidária, contemplava grupos de produção na área da panificação – pães e bolachas – e na produção de sabão e de artesanato. O segundo, centrado no campo da cultura, com atividades voltadas à formação humana, espiritual, de lazer, capoeira e a implantação de uma horta agroecológica.

O público protagonista das atividades é formado por adolescentes, crianças e mulheres. Os primeiros, porque, após cumprirem o tempo escolar, não encontram alternativas de ocupação, sendo induzidos à permanência nas ruas e ao risco de acesso facilitado ao “uso e abuso” de substâncias psicoativas, além do contato com os mais diversos tipos de violência e violação de direitos. Para esses participantes, são ofertadas atividades, como oficinas de artesanato e capoeira. Em relação ao público feminino, no bairro, identifica-se um significativo número de mulheres desempregadas, o que as

coloca em situação de exclusão social, provoca sentimento de desânimo e baixo grau de autoestima e proatividade.

Há um número expressivo de mulheres “descasadas”⁴ e outras que acompanham seus filhos sem a presença do genitor, assumindo, sozinhas, a responsabilidade financeira e dos vínculos afetivos familiares. Observa-se alto índice de doenças, especialmente a depressão, causando, conseqüentemente, outras patologias psicossomáticas. É possível identificar, portanto, um cotidiano marcado pela precariedade, instabilidade e vulnerabilidade social (Bauman, 2001).

Economia solidária e empoderamento de mulheres

Considerando a realidade e suas múltiplas determinações, a “Casa Ecumênica Recriando a Vida” desenvolve as atividades enumeradas com o objetivo de proporcionar geração de trabalho e renda e ressignificar as relações e vínculos sociais fragilizados dos seus participantes. Trata-se de uma prática educativa em que a resistência e a busca de alternativas de sobrevivência orientam a missão dessa organização social.

A economia solidária permite a mobilização e organização de pessoas, inicialmente estimuladas para gerar trabalho e renda, mas com alcance maior. Nessa prática, as pessoas têm possibilidades de criar novas sociabilidades, recriar identidades sociais, usufruir da inserção social e valorização pessoal, bem como, sentirem-se sujeitos da própria existência. Segundo Oliveira (2004), nesse modelo de economia os indivíduos têm sua autoestima fortalecida e a mesma deriva do reconhecimento das capacidades individuais, da possibilidade de participar das tomadas de decisões, de acessar conhecimentos, de se qualificar e de agregar renda.

Arcanjo e Oliveira, citando a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES, 2016), baseados nos conceitos básicos orientadores no âmbito da política pública no Brasil, definem economia *solidária* como

⁴ Utilizamos o termo mulheres “descasadas” por duas razões: primeira, as próprias mulheres utilizam este termo em sua linguagem coloquial, é um termo nativo; segunda, o termo foi utilizado pelas mulheres durante as rodas de conversa para indicar o seu estado civil (mulheres divorciadas e/ou separadas).

[...] o conjunto de atividades econômicas [...] – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores/as sob a forma coletiva e autogestionária. Este conceito geral explicita os valores e princípios fundamentais da ES: cooperação, autogestão, solidariedade e dimensão econômica (Arcanjo & Oliveira, 2017, p. 232).

Quanto aos *empreendimentos solidários*, os autores supracitados afirmam que

[...] são aquelas organizações coletivas [...] tais como: associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de trocas, redes etc.; [...] permanentes, [...] que disponham ou não de registro legal, prevalecendo a existência real e que realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de fundos de crédito [...], de comercialização [...] e de consumo solidário. [...] (Arcanjo & Oliveira, 2017, p. 232).

Na “Casa Ecumênica Recriado a Vida”, vários grupos de mulheres se reúnem mediadas pelo trabalho orientado sob os princípios e valores da economia solidária, como autogestão, geração de renda, trabalho associado, distribuição justa dos resultados do trabalho, cuidado com o meio ambiente e responsabilidade com o entorno social. São, portanto, pequenos grupos organizados de modo informal: um grupo realiza oficinas de artesanato, pintura em tecido e aproveitamento de materiais reciclados; outro grupo de mulheres se ocupa com trabalhos na horta onde produzem agroecologicamente. A destinação inicial da produção é voltada para o próprio consumo, mas tem potencial para inserção na feira de economia solidária existente na cidade com o excedente produzido.

A Casa Ecumênica é compreendida como um espaço de recriação da vida, uma vez que seu objetivo geral é:

[...] contribuir na construção de uma sociedade sem exclusões, onde a dignidade das mulheres, crianças e adolescentes seja respeitada. E objetivos específicos: fortalecer os grupos de economia solidária; recriar a vida, superando as relações violentas; construir um espaço de encontro, reflexão, estudo – espaço de “cura” das dores do corpo/alma; possibilitar formação, lazer e cultura; ser um espaço de vivência e oração ecumênica e ainda, alimentar a esperança a partir das pequenas iniciativas (Livro Ata, 2013, s.p.).

Partindo dos objetivos da “Casa Ecumênica Recriando a Vida”, acredita-se que esse espaço de encontro e de práticas educativas favorece e potencializa o empoderamento de quem dele participa. Passando em revista parte da literatura,

observa-se que o termo empoderamento é polissêmico. Na obra de Freire, por exemplo, é um conceito central. Ao comentar o termo na obra freiriana, Guareschi (2018, p. 182) afirma que “[...] o empoderamento não é apenas um ato psicológico, individual, mas um ato social e político, pois o ser humano para Freire, é intrinsecamente social e político, é *pessoa=relação*” (grifo do autor). Assim como a conquista da liberdade é sempre social e coletiva, o é também o empoderamento. Não é uma concessão. Podemos concluir que empoderamento está intimamente associado à conscientização, à libertação. Guareschi precisa o processo de empoderamento, situando que

[...] a tomada de consciência confere determinado poder às pessoas (e grupos), gerando a partir dos próprios sujeitos-agentes, por um lado. Ele não é outorgado, pelo contrário, é resultado de uma *práxis* de reflexão e de inserção crítica das pessoas, provocadas pelos problemas ou pelas perguntas problematizadoras, que os colocam em ação (Guareschi, 2018, p. 183).

A Arquiteta e Urbanista feminista negra Joice Berth (2018), referenciada também em Paulo Freire e outros pensadores, compreende o empoderamento enquanto prática que parte do processo de autoconscientização e culmina em transformação. Nessa perspectiva, não é possível um sujeito empoderar outro sujeito, apenas se pode servir de amparo aos processos de conscientização desenvolvidos por outros indivíduos. Isso porque, o empoderamento emerge de uma relação coletiva de pessoas ou grupos. Berth reflete ainda a partir da filósofa alemã Hannah Arendt, para quem o poder se dá por meio da ‘ação coletiva’, ou seja, não é uma apropriação de um indivíduo, não sendo assim propriedade de um único sujeito, mas de um grupo. A união desse grupo é a condição para a existência do poder e, nessa relação grupal, as pessoas se empoderam. Pensar em empoderamento, portanto, é pensar em processos ou práticas sociais desenvolvidas por grupos de pessoas, organizações ou movimentos sociais. Conforme entende Berth, o empoderamento pode ocorrer em diferentes dimensões do ser humano, nomeadamente, econômico, estético, afetivo e/ou das políticas públicas. Ou seja, o empoderamento pode decorrer de uma necessidade material, psicológica, estética, simbólica, política ou afetiva.

A Organização Mundial de Saúde (1998 *apud* Moreira *et al.*, 2012) define empoderamento como um processo social, cultural, psicológico ou político por meio do

qual sujeitos e grupos sociais se tornam capazes de expressar suas necessidades, explicitar suas preocupações, compreender estratégias de envolvimento na tomada de decisões e atuar política, social e culturalmente para atender às necessidades coletivas.

Para Simon e Boeira (2010, p. 538),

Assim, o empoderamento pode ser entendido a partir de uma perspectiva em que os indivíduos, organizações e comunidades coletam recursos de forma a terem voz, visibilidade, influência e capacidade, tanto de ação, quanto de decisão, ou seja, poderem controlar os temas que afetam suas vidas.

Atenção particular merece a advertência desses autores para o fato de que, compreendendo o empoderamento como uma aquisição do sujeito-em-relação, isso não dispensa intervenções externas ou a mediação de agentes externos, como é o caso de educadores ou educadoras que oportunizam processos educativos nos quais seus participantes transitam, por exemplo, dos limites de uma consciência ingênua para uma consciência crítica e, desse modo, libertam-se da tutela ou dependência (Simon & Boeira, 2010).

Devemos considerar que o discernimento crítico do conceito de empoderamento torna-se *condicio sine qua non* para não se cair no esvaziamento do termo, dado que pode ser traduzido equivocadamente por meio de ações filantrópicas, despolitização de conflitos, ou seja, manutenção de práticas assistencialistas ou relações de dependência entre pessoas, grupos sociais, instituições e o próprio Estado.

Procedimentos metodológicos

Sampaio *et al.* (2014) citam que, como metodologia de trabalho com grupos, a Roda de Conversa é promovida em vários contextos, especialmente, a partir da contribuição de Paulo Freire, com a proposta dos Círculos de Cultura que contemplam as ideias de educação, liberdade e transformação dos sujeitos e do meio em que vivem.

A Roda de Conversa favorece a criação de espaços de diálogo nos quais os envolvidos podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si, visando estimular a construção da autonomia dos sujeitos através da problematização, da troca de informações e da reflexão voltada para a ação. As informações produzidas nas Rodas de

Conversa são de cunho qualitativo, pois as opiniões expressam falas sobre determinados temas discutidos pelos participantes, sem a preocupação com o estabelecimento de um consenso, o que permite a convergência ou divergência de opiniões, provocando o debate e a discussão, sendo que ao mediador compete garantir a participação igualitária de todos.

Para Moura e Lima (2014, p. 99),

[...] a roda de conversa é, no âmbito da pesquisa narrativa, uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo.

Segundo as autoras supracitadas, a Roda de Conversa, quando utilizada como instrumento de pesquisa, pressupõe um ambiente adequado para o diálogo. Desse modo, todos devem se sentir à vontade para partilhar e escutar, a fim de que o conversado seja relevante para o grupo. O diálogo ganha proeminência, pois pressupõe um exercício de escuta e de fala. As colocações de cada participante se dão pela interação com o outro, oportunizando a ocorrência de concordâncias ou discordâncias (Moura & Lima, 2014).

Defendemos, portanto, a ideia de que a metodologia da Roda de Conversa opera como um disparador de possibilidade de empoderamento das mulheres. Gatti (2005, p. 11) afirma que a Roda de Conversa

[...] permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado.

Na pesquisa realizada na “Casa Ecumênica Recriando a Vida” participaram quinze mulheres envolvidas com os empreendimentos econômicos solidários de produção de pão, bolacha, artesanato e sabão. Esses grupos, em número de quatro, se reúnem em dias alternados, no período vespertino, uma vez por semana. Para atender

aos objetivos da pesquisa, foram realizados sete encontros (um encontro mensal), no período de março a setembro de 2018. Os encontros tiveram a duração de duas horas para cada empreendimento, momentos em que as mulheres puderam compartilhar seus saberes e seus fazeres. Ao mesmo tempo em que incrementavam a produção pelo trabalho associado, realizava-se a Roda de Conversa. Mas, devemos esclarecer que, para a introdução dos temas discutidos, para cada grupo foram utilizadas diferentes dinâmicas mediadoras das Rodas de Conversas. As observações e os dados coletados foram registrados em diário de campo e fotografados após autorização das participantes⁵. Na sequência, descrevemos as dinâmicas utilizadas em cada Roda de Conversa, com seus objetivos e resultados alcançados.

Roda de conversa: análise dos dados

1ª Roda de Conversa – A caixa dos segredos

Com o objetivo de conhecer as participantes dos empreendimentos da Casa Ecumênica Recriando a Vida, foi utilizada a dinâmica da Caixa dos segredos, que consiste num recipiente contendo diferentes tipos de frases. Essas frases deveriam ser completadas com opiniões e sentimentos referentes a diversas situações vivenciadas no cotidiano e na construção do sujeito, este compreendido como um devir histórico, ou seja, em permanente desenvolvimento.

A dinâmica consistiu em cada participante ir ao centro da roda e retirar, a cada rodada, uma frase da caixa, completando essa frase com sua percepção e/ou sentimento sobre o que estava escrito. Na sequência, o grupo todo era motivado a compartilhar suas diferentes opiniões.

No Quadro 1, estão relacionadas as questões abordadas:

⁵Neste trabalho foi solicitado a assinatura das participantes no documento denominado “Autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa”. Segundo Mainardes e Carvalho, “a autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa é a manifestação escrita pela qual o próprio pesquisador explicita os princípios, os procedimentos e as demais questões éticas envolvidas no processo de pesquisa” (2019, p. 130).

Quadro 1 - Frases a serem completadas

Percebo que, a cada dia, estou me tornando ...	Sinto falta de ...
Eu me sinto feliz quando ...	A lembrança mais feliz que eu tenho é...
O que eu mais admiro nas pessoas é ...	Se alguém quiser me deixar muito feliz deve...
O mundo seria mais feliz se ...	O que mais me deixou triste até hoje foi ...
O meu maior sonho é ...	O último presente que dei para eu mesma foi ...
A melhor maneira de vencer as dificuldades é ...	A pessoa mais importante em minha vida é ...
O que mais me marcou em minha vida foi ...	Daqui a cinco anos eu gostaria de estar ...
Na natureza, o que mais me encanta é ...	A parte do meu corpo que eu mais gosto é ...
A minha maior conquista foi ...	Eu não poderia viver sem...
Considero a fase atual da minha vida como ...	O que eu pretendo conquistar no futuro é ...
Eu me considero uma pessoa ...	As atividades que mais me dão prazer são ...
A palavra que melhor define esse grupo é ...	O maior objetivo na minha vida é ...
Eu acho que as pessoas me consideram uma pessoa ...	Um lugar que me traz recordações muito boas é...

Fonte: Autores da pesquisa (2018).

As categorias que mais emergiram nas respostas das participantes ao longo da conversa se referem a valores como *família, respeito, fé em Deus, união, filhos, justiça*, prevalecendo a *família* como prioridade na maioria das frases. Neste contexto torna-se relevante destacar que mais de 70% das mulheres participantes são “descasadas”. Estas mulheres, provedoras de seus lares, se sentem responsáveis pela educação, saúde, pelo trabalho, dentre outros cuidados relativos à vida doméstica e familiar.

Tendo em perspectiva o processo de empoderamento feminino, procurou-se valorizar na Roda de Conversa o “ser mulher” enquanto potência feminina, marcada pela multiplicidade de papéis, contraditoriamente acompanhada de baixa valorização na sua configuração familiar, a começar pelas que constituem o arranjo afetivo. Valores e atitudes foram evidenciados, como a coragem de enfrentar as dificuldades diárias e discernimento na resolução de conflitos articulados com as histórias de vida das participantes.

As mulheres organizadas em empreendimentos solidários econômicos são integrantes das classes populares e por meio dos princípios desta economia buscam o empoderamento social e econômico. Neste contexto pode-se entender que a “Economia Solidária apresenta uma memória sócio-histórica e econômica pautada na experiência

coletiva com o objetivo de superação de desigualdades e conquista de uma vida digna e autônoma” (Farias, 2019, p. 188).

Na perspectiva histórica de gênero em busca do empoderamento feminino é importante destacar que no século XVIII, na Inglaterra, “grupos de mulheres questionavam a alta de valores de produtos, especialmente, da farinha que se constituía na principal matéria prima para o feitiço de pão” (Farias, 2019, p. 188). Estas mulheres praticavam a resistência e insurreição frente à exploração e à acumulação de bens.

Os empreendimentos de economia solidárias destas mulheres são recentes e ocorrem em contextos sociais, econômicos e culturais frágeis. Segundo Hillenkamp, Guérin e Verschuur (2014, p. 09), “a análise da economia solidária deve levar em conta essa fragilidade tanto quanto essas trajetórias, muitas vezes caóticas e desencorajadoras, das iniciativas. Por outro lado, a análise - e a ação - na economia solidária, demandam uma postura utópica”, na perspectiva de aprofundar as possibilidades de empoderamento social e econômico.

2ª Roda de Conversa – Identificando emoções e sentimentos do cotidiano

Na segunda Roda de Conversa foi proposto um diálogo sobre sentimentos e emoções que constituem o cotidiano. A partir da pergunta disparadora do diálogo - *Como tenho me sentido/percebido nos últimos dias?* -, de forma aleatória, cada participante foi motivada a escolher uma ou mais cartas que caracterizassem a sua resposta, iniciando, assim, a discussão e reflexão sobre a carta escolhida e as situações vivenciadas no dia a dia. Cada carta continha uma palavra, como por exemplo, *muito feliz, cansada, culpada, medrosa, estressada, desmotivada, charmosa, irradiante* etc.

A partir da realização dessa Roda de Conversa foi possível constatar o grau de comprometimento com a saúde física e, principalmente, emocional das participantes. Percebeu-se, a partir dos relatos de vida atual, que suas vivências foram e/ou são marcadas por sofrimento, abdições, perdas e também violência em suas diferentes formas (ainda vivida e em alguns casos superada).

Em torno de 50% do grupo composto por quinze mulheres, abordou que, em algum momento da vida, lutou contra a doença da depressão. Contudo, estas mulheres

apontam que a participação nas atividades da “Casa Ecumênica Recriando a Vida” tem contribuído na superação desta doença e de outras dificuldades.

Conforme Pichón Rivière (*apud* Teixeira & Deus, 2014), o grupo apresenta-se como um agente transformador da realidade e seus membros passam a constituir relações grupais, partilhando objetivos comuns, formando vínculos e interagindo. Dessa forma, falar sobre a importância do cuidado e preservação da saúde mental também vai ao encontro dos objetivos da “Casa Ecumênica Recriando a Vida”, que se propõe a acolher essas mulheres e favorecer seu empoderamento.

As mulheres encontram na Casa Ecumênica a possibilidade de produzirem vínculos em contramão ao que ocorre na sociedade contemporânea marcada pelo “enfraquecimento e decomposição dos laços humanos das comunidades e das parcerias” (Bauman, 2001, p. 187).

3ª Roda de Conversa – A Tenda do Conto

Para esse encontro, foi realizado o convite anteriormente, para que cada participante escolhesse e levasse para a Roda de Conversa, um objeto que representasse seus sonhos e sua participação no(s) grupo(s) da “Casa Ecumênica Recriando a Vida”, com o objetivo de identificar a influência e impacto dessa inserção coletiva em suas vidas.

Gadelha e Freitas (2010, p. 57), ao relatarem a experiência da Tenda do Conto, destacam que:

[...] os convidados devem levar algo que represente algum fato ou história vivida. [...] uma mesa exibe fotografias antigas, poemas, cartas, caixas de madeira, vasos, livros e muitos outros objetos trazidos pelos usuários. Uma colcha de retalhos confeccionada pelos agentes comunitários de saúde conta fragmentos de suas histórias [...]. As cadeiras são postas em roda, mas uma delas, à frente da mesa, seduz mais intensamente os convidados: uma cadeira de balanço cuidadosamente coberta por uma manta que aquecerá os contadores de histórias daquele dia; [...]. Nesse espaço aberto de contação de histórias, [...] é impossível prever o que vai acontecer. A construção é ali e agora – “trabalho vivo em ato”.

A escolha pela *Tenda do Conto* foi motivada pelas características peculiares dessa prática que envolve entrega afetiva, acolhimento, sensibilidade, partilha e a

possibilidade de uma vivência que promove a troca de sentimentos e experiências de vida. Nessa Roda de Conversa, poucas mulheres levaram o objeto para a Tenda do Conto, o que não impossibilitou que os objetivos da ação fossem alcançados, pois, a partir do relato de quem levou o objeto, as demais participantes se envolveram na conversa.

No que se refere ao relato dos sonhos individuais, poucas participantes citaram o “*desejo de casar*”, de “*ir a Caldas da Imperatriz*” ou “*tentar coisas novas*”. Uma participante que levou um pé do par de sandálias para a Tenda do Conto relatou, ao se dirigir ao objeto, que o mesmo representava o “caminho” percorrido até se tornar o que ela é. Caminho este marcado pelo sonho de namorar, casar, ter filhos, construir sua casa. Contudo, nesse mesmo caminho, vivenciou a perda de dois filhos e relatou ter parado de sonhar por medo.

No que se refere aos sonhos em relação aos empreendimentos de economia solidária dos quais participam na “Casa Ecumênica Recriando a Vida”, as mulheres citaram o desejo de “*apenas produzir para outras pessoas revenderem*”, “*ter um lugar fixo de venda dos produtos*”, “*mudar a produção acrescentando produtos diferenciados*”.

A partir dessa Roda de Conversa, foi possível verificar o quanto a “Casa Ecumênica Recriando a Vida” ocupa papel de importância na vida das participantes quando as mesmas apontaram sentidos para estarem ali, semanalmente, construindo um sonho coletivo; de ver os grupos se expandindo e fazendo a diferença na vida das participantes a partir dos objetivos da economia solidária. Há espaço e lugar para todas e esse sentimento de pertencer hospeda a possibilidade do empoderamento. Nesse sentido, Simon e Boeira (2017) destacam que o empoderamento pode ser compreendido a partir da perspectiva que os sujeitos, organizações e comunidades constroem soluções de forma a terem voz, visibilidade, influência e capacidade de agir, de decidir, ou seja, possibilidade de apreender temas que afetam suas vidas.

4ª Roda de Conversa – Bala doce e azeda

Essa Roda de Conversa foi realizada apenas com as mulheres que compõem os empreendimentos de economia solidária voltados à produção de pães, bolachas e sabão.

Foi proposta a dinâmica da *Bala doce e azeda* com o objetivo de promover um processo avaliativo do funcionamento e resultado de ambos os grupos. Nessa prática, cada mulher foi motivada a oferecer a bala doce para as potencialidades do grupo do qual participa e a bala azeda para as fragilidades do mesmo, sendo que a cada fala abria-se à discussão para possíveis contribuições. Esse momento possibilitou pensar, por meio das potencialidades, sugestões de melhorias para ambos os grupos ao longo do ano.

A participação mais ativa no desenvolvimento da atividade foi identificada entre as mulheres que produzem bolachas e pães, sendo destacado como principal potencialidade do grupo a diversificação de produtos e, como fragilidades a serem superadas, a baixa nas vendas devido à desistência de participantes. Como possibilidades, foi sugerida a necessidade de ampliar o grupo para aumentar a produção e as vendas de pães, bolachas integrais e salgados. Na oportunidade, foi conversado sobre a possibilidade de inclusão da “Casa Ecumênica Recriando a Vida” na Feira Municipal de Economia Solidária, para atingir o que Locks, Baumgart e Pereira (2017, p. 51) apontam:

Uma feira opera como pulmão na economia solidária. Torna-se espaço de trocas de bens materiais (produção econômica), políticos (participação, organização, representação) e simbólicos (reconhecimento, autoestima, visibilidade, vínculos interpessoais e grupais).

Porém, ao se apresentar tais objetivos, as participantes avaliaram que precisam ampliar a participação de mulheres no grupo para, então, garantir a produção e presença semanal na feira de comercialização de produtos da economia solidária.

Entre o grupo da produção de sabão, diferente do descrito acima, as participantes conseguem produzir para garantir também estoque, sendo avaliada a necessidade de diversificar os tipos de sabão e incluir outros ingredientes.

Na sequência do processo avaliativo, de forma simbólica, cada participante desenhou sua mão numa folha de papel e, dentro da imagem, escreveu seus objetivos a serem alcançados com a participação no grupo. Na referida atividade, deu-se destaque justamente a construção coletiva dos grupos que, através de diferentes mãos, estão fazendo a diferença na vida das participantes e fortalecendo o potencial da “Casa Ecumênica Recriando a Vida”, como destacou uma das participantes ao citar seu

objetivo. Chamou a atenção ainda a citação de uma participante ao escrever seu objetivo: “*conseguir levar a vida sem medo da violência, ter sempre empatia e paciência, me colocar sempre no lugar da outra*”.

Essa última percepção remete aos apontamentos do Ministério do Trabalho e Emprego quando define a “Economia Solidária como um jeito distinto de produzir, comercializar, e trocar o que é necessário para viver, sem exploração, sem almejar levar vantagem, sem prejudicar o ambiente, com cooperação, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e em si mesmo”. (Brasil, 2008).

A definição de economia acima permite pensar que se trata de uma outra economia, não se reduzindo ao econômico. Além de se colocar como resistência e alternativa ao modo de produção capitalista de sociabilidade, trata-se de um modo de vida, ou seja, leva em consideração todas as dimensões da existência. Viver com o necessário, se confrontado com a lógica capitalista contemporânea, pode ser compreendido como uma prática revolucionária, pois se vive num mundo do consumo imediato para o descarte imediato. Como demonstra Bauman: “As modas vêm e vão com velocidades estonteantes, todos os objetos de desejo se tornam obsoletos, repugnantes e de mau gosto antes que tenhamos o tempo e aproveitá-los” (2001, p. 186).

5ª Roda de Conversa – Tirando o chapéu

Com o objetivo de conversar sobre empoderamento e autoestima, foi proposto nessa roda a dinâmica “*Tirando o chapéu*”, momento em que cada participante foi convidada a sair do seu lugar na roda e ir até a mesa sobre a qual estavam doze (12) chapéus, todos com um espelho colado em seu interior, sendo que as mesmas não tinham conhecimento desta última informação. Ao escolherem um chapéu, deveriam olhar para a imagem em seu interior e retornar à roda, iniciando o relato afirmativo ou negativo quanto ao tirar o chapéu para a pessoa visualizada, sem revelar a identidade da mesma ao grande grupo. Nessa Roda de Conversa, cabe enfatizar o envolvimento significativo de todas ao longo da atividade, conseguindo manter o objetivo de não revelar a identidade das imagens vistas no interior dos chapéus.

Ao longo das participações foi possível verificar as percepções daquelas mulheres sobre si, conforme exemplificamos com oito breves relatos transcritos abaixo:

“Tiro o chapéu para essa pessoa por estar viva, por gostar de viver”.

“Tiro o chapéu porque me sinto ela mesma, ou seja, gosto de ajudar os outros, gosto da vida, gosto de mim mesma. É uma pessoa muito lutadora, que sente prazer em lutar pelos outros”.

“Tiro o chapéu sempre, pois é uma pessoa maravilhosa que passou por muitas coisas difíceis e já chegou a não gostar de si mesma. Pessoa de coração acolhedor. Essa pessoa é luz. Onde ela está faz a diferença”.

“Tiro o chapéu, as vezes sim, as vezes não. Gostaria que ela fizesse diferente, agisse diferente, sofresse menos. Faz coisas que tem que pedir desculpas e isso não é fácil. Precisa de ajuda”.

“Tiro o chapéu, pois é uma pessoa extraordinária, muito firme, corajosa. Não abre mão da opção. Às vezes é tihosa e isso machuca”.

“Tiro o chapéu, pois é uma pessoa disposta a lutar. Desanima e levanta. Tem muita fé. Cada dificuldade é um aprendizado. Às vezes é insegura, se amedronta, mas, continua”.

“Tiro o chapéu, pois, é uma pessoa que tem uma força imensa e coragem, que segue em frente”.

“Não tiro o chapéu, é uma pessoa muito doída”.

Das oito mulheres, uma delas, não tirou o chapéu para si mesma, argumentando ser “uma pessoa muito doída”. Nesta apresentação foi possível constatar que a referida mulher se identifica como uma pessoa diferente das outras mulheres do próprio grupo, especialmente por ser mais descontraída, capaz de transgredir regras, e que não se importa com a opinião alheia.

São percepções que espelham o cotidiano dessas mulheres, isto é, a vida de todos os dias e de todos os homens e mulheres, com suas lutas, devaneios, coragem, desânimos, inseguranças, dificuldades, sofrimentos e ousadia. Netto e Carvalho chamam atenção para o fato de que:

Raras são as pessoas que não se deixam intoxicar por esse cotidiano. Raras são as pessoas que o rompem ou suspendem, concentrando, todas as suas forças em atividades que as elevem deste mesmo cotidiano e lhes permitam a sensação e a consciência do ser homem total, em plena relação com o humano e a humanidade de seu tempo. (Carvalho, 2012, p. 23).

As práticas desenvolvidas pelas mulheres na “Casa Ecumênica Recriando a Vida” podem ser compreendidas como possibilidades de desintoxicar o cotidiano. Também, como oportunidade de suspender o cotidiano, na medida em que essas mulheres se empoderaram, isto é, tornam-se capazes de se apropriar da palavra, pronunciar o mundo, expressar suas necessidades, explicitar suas preocupações,

constituírem-se sujeitos de sua história, enfim, experimentar o emergir da consciência de sua realidade e ressignificar suas vidas.

Do ponto de vista do empoderamento subjetivo feminino nessas práticas, Oliveira (2004, p. 68) aponta que:

O empoderamento psicológico refere-se à percepção da força individual, manifestando-se em um comportamento autoconfiante. É muitas vezes resultado de uma ação vitoriosa nos domínios social ou político, embora possa resultar também de um trabalho intersubjetivo. O sentimento de pertença, o resgate da autoestima, os processos empáticos no grupo, a valorização de cada integrante interferem na autoimagem. O aumento da autoestima relaciona-se à mudança de mentalidade dos participantes do grupo em relação às suas capacidades, a apreensão da realidade, a participação no processo decisório, ao acesso à qualificação, a ampliação de suas capacidades de trabalho e a agregação de renda. Esses elementos interferem no posicionamento das mulheres no âmbito familiar e na comunidade em geral.

As afirmações recolhidas nessa Roda de Conversa permitem inferir que as participantes, na sua maioria, tiram o chapéu para si, se admiram e se valorizam por diversas razões, o que favorece e potencializa o empoderamento e a autoestima.

6ª Roda de Conversa – Imagens de relógios

Ao longo dessa Roda de Conversa foram espalhadas pelo chão, no centro da roda, diferentes imagens de relógios. Cada participante foi convidada a escolher o modelo de relógio com o qual mais se identificou, uma estratégia para disparar o diálogo sobre sua relação e administração do tempo, respondendo de forma aleatória às seguintes questões: Como está a sua relação com o tempo? Como você se percebe em relação ao passado, presente e futuro? Que pedido você faria ao tempo? Que escolhas tem feito? Quais têm sido as suas prioridades?

A partir dessas questões, foi possível identificar o quanto as participantes vivem em prol de outras pessoas, em sua maioria filhos, netos e maridos (companheiros). A sobrecarga de trabalho e atividades domésticas, somada à necessidade de prover a família, não permitem a existência de um tempo de qualidade para exercerem o autocuidado e a busca por maior qualidade de vida. Ficam à mercê de atividades prazerosas, cuidado com a própria saúde, entre outros fatores que incluem também a quebra dos ciclos de poder, machismo e violência intrafamiliar, da vivência cotidiana

com situações de reclusão e uso de substâncias psicoativas por parte de familiares, fatos que acabam gerando sofrimento e permanência, muitas vezes em situação de risco ou vulnerabilidade social e sofrimento psíquico.

Conforme essas percepções, discutiu-se de forma transversal os diferentes tipos de violências a que a mulher está submetida, alguns decorrentes do próprio modelo econômico excludente, em que não raro enfrenta-se dificuldades para garantir o sustento da família. Apontou-se para a necessidade de resistência e luta, visto a mudança necessária ser um processo muito longo e, que passa por uma reestruturação social em que se almeja a diminuição das desigualdades sociais nas quais estão inclusas as questões de gênero.

7ª Roda de Conversa – A dinâmica do repolho e do desenho

Na última Roda de Conversa foram propostas duas dinâmicas de grupo para favorecer a discussão acerca do lugar e sentimento de pertença gerado pela participação nas atividades da “Casa Ecumênica Recriando a Vida”. A primeira dinâmica foi denominada *Dinâmica do Repolho*, que consistiu em cada participante repassar para a pessoa ao lado folhas sobrepostas e amassadas em camadas enquanto se ouvia uma música. Quando ocorria uma pausa na música, a participante que estava com o “repolho” nas mãos deveria tirar a primeira folha e responder à questão contida na mesma, assim sucessivamente até acabarem as folhas com os seguintes questionamentos: Como você soube desta casa/grupo? Sente falta de alguma coisa nesta casa/grupo? Cite uma lembrança feliz desta casa/grupo? Como você se sente quando não consegue estar nesta casa/grupo? Como você vê essa casa?

Através dessa atividade foi possível verificar diferentes significados da Casa para suas participantes: “Lugar de acolhimento”; “É onde a gente se encontra”; “Aqui a gente se ajuda”; “Faz novas amizades”; “Não posso passar a semana sem vir aqui”; “Outras mulheres poderiam estar aqui com a gente”. Essas e outras expressões indicaram a potência desse espaço mediador de sociabilidade, fortalecedor de vínculos sociais, pertencimento grupal, enfim, de empoderamento feminino.

Ainda por meio da mesma dinâmica foi discutida a necessidade de maior divulgação da “Casa Ecumênica Recriando a Vida” na própria comunidade, pois nem

todos os moradores do bairro sabem da existência e/ou objetivos desse serviço, além de disseminar o que é feito nesse espaço em outros locais, envolvendo mais pessoas, aproximando-se de políticas públicas, inclusive da comunidade acadêmica.

A segunda dinâmica proposta foi a construção de um desenho, primeiramente individual e, na sequência, a reprodução do mesmo desenho, mas de forma coletiva, com o objetivo de abordar as diferenças entre o trabalho individual e o coletivo, além do papel e influência do grupo na vida de cada participante, ampliando as possibilidades e apoio necessário.

Por meio dos desenhos discutiu-se, entre as participantes, as diferenças entre relações humanas ou projetos de vida orientados pelos valores do individualismo ou pela solidariedade. Foi quando se teve a possibilidade de reiterar os princípios gerais ou considerados pontos de convergência da economia solidária inscritos na “Carta de Princípios da Economia Solidária” formulada pelo Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES, 2003):

1. a valorização social do trabalho humano, 2. a satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica, 3. *o reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino* numa economia fundada na solidariedade, 4. a busca de uma relação de intercâmbio respeitoso com a natureza, e 5. os valores da cooperação e da solidariedade (Grifos nossos).

Torna-se evidente a convergência das práticas sociais e estratégias desenvolvidas na “Casa Ecumênica Recriando a Vida” com os princípios básicos que orientam o movimento e a política pública de economia solidária no País. Como evidenciamos ao longo desta reflexão, a valorização e reconhecimento do lugar das mulheres e do feminino em práticas de economia solidária.

Considerações finais

A pesquisa realizada teve a finalidade de refletir uma prática social mediadora de empoderamento de mulheres desenvolvida na “Casa Ecumênica Recriando a Vida”. A metodologia escolhida foi a Roda de Conversa, compreendida como um caminho para inserção, diálogo e coleta dos dados obtidos, vivenciados e refletidos entre pesquisadores e pesquisados. O conceito de empoderamento referenciado em diferentes

autores, mas convergente com a perspectiva epistemológica freiriana, foi relevante para compreender que ninguém empodera ninguém. Este nunca é outorgado, uma vez que o empoderamento emerge de uma relação social solidária, constituindo-se em um ato social, no qual o sujeito se empodera com o(s) outro(s), resultando na consciência de si, de sua realidade, com clara intenção de agir na perspectiva transformadora. E esse empoderamento pode decorrer de diferentes dimensões da vida do sujeito, ou seja, social, econômico, político, simbólico, afetivo, estético, até mesmo na relação com políticas públicas nos recortes como gênero, étnico-racial, diversidade sexual, enfim, dos direitos humanos.

Após a realização das sete (7) Rodas de Conversa, com suas respectivas dinâmicas com as mulheres, consideramos relevantes inúmeros aspectos. Dentre eles, observamos que essa metodologia favorece a criação de espaços de diálogo nos quais os envolvidos podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si, visando estimular a construção da autonomia dos sujeitos através da problematização, da socialização de diferentes conhecimentos e da reflexão voltada para a práxis. Permite a reflexão de práticas sociais educativas e a consciência da vida cotidiana. Em outras palavras, as práticas descritas neste espaço se tornam mecanismos de suspensão ou ruptura de um cotidiano rico em ambivalências, tragicidades, sonhos, ilusões, mas também espaço possível de resistência e possibilidade transformadora.

Identificamos, ao longo dos encontros, valores como o sentimento de pertença, a empatia vivenciada no grupo, a partilha das dificuldades e conquistas, enaltecimento de potencialidades e capacidades, autoestima, enfim, processos sociais mediadores de empoderamento de mulheres.

Finalmente, devemos enfatizar a potência da economia solidária como prática de resistência e alternativa de projeto de vida em contextos de vulnerabilidade social e socioeconômica, de vidas ditas desumanizadas de mulheres que vivem em um bairro de periferia. Os princípios e práticas de autogestão, valorização do trabalho associado, geração de trabalho e renda, valorização e reconhecimento do lugar fundamental das mulheres mostram-se estratégicos na criação de possibilidades de uma educação emancipatória e geradora de “poder”. A “Casa Ecumênica Recriando a Vida”, conforme descrevemos nesta pesquisa, ao se constituir espaço de ressignificação da vida de suas

protagonistas, restitui a condição e o direito dessas mulheres de mudarem a própria vida e mundo.

Referências

- Arcanjo, M. A., & Oliveira, A. L. M. de. (2017). *A criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária: avanços e retrocessos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Bauman, Z. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Berth, J. (2018). *O que é empoderamento?* Belo Horizonte (MG): Editora Letramento.
- Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. SENAES. (2012). *Avanços e desafios para as políticas públicas de economia solidária no governo federal*. (120-122). 2003/2010.
- Carvalho, M. do. C. B. (2012). O que é a vida cotidiana? In: Netto, J. P., & Carvalho, M. do C. B. de. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo: Cortez.
- Farias, M. F. L. Verbete: Economia Solidária. In: Colling, A. M., & Tedeschi, L. A., (org.) (2019). *Dicionário crítico de gênero*; prefácio [de] Michelle Perrot. – 2.ed. – Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados.
- Fórum Brasileiro de Economia Solidária. [FBES]. (2003). *Carta de Princípios da Economia Solidária*. III Plenária Nacional da Economia Solidária. Recuperado em 24 de maio, 2019, de http://base.socioeco.org/docs/carta_de_principios_do_fbess.pdf
- Gadelha, M. J. A., & Freitas, M. L. (2010). A arte e a cultura na produção de saúde: a história da tenda do conto. *Revista Brasileira de Saúde da Família*, Brasília, v. 2, (53-58). Recuperado em 24 de maio, 2019, de <http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/artigos/tenda-do-conto-artigo>
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Liber Livros.
- Guareschi, P. (2018). Empoderamento. In: Streck, D. R., Rendin, & Zitkoski, J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Hillenkamp, I; Guérin, I; & Verschuur, C. (2016). A Economia Solidária e as Teorias Feministas: possíveis caminhos para uma convergência necessária. *Debates feministas*, nº 3, out/2016, (1-34). Recuperado em 09 de maio, 2019, de http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2016/10/DebatesFeministas_EconomiaFeminista1.pdf
- Locks, G. A., Baumgart, H. C., & Pereira, J. A. (2017). A economia solidária no Planalto Catarinense: origem e desenvolvimento rumo a sua política pública. In: Frantz, W., Gerhardt, M. C., & Amaral, A. G. *Ações e experiências educativas no campo da educação popular*.(33-37). Ijuí: Ed. Unijuí.
- Livro Ata. (2013). *Casa Ecumênica Recriando a Vida*. Bairro Gralha Azul. Lages, SC.
- Mainardes, J.; Carvalho, I. C. M. (2019). *Autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa em Educação*. ANPED.

- Melo, M. C. H., & Cruz, G. C. (2014). Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. *Imagens da Educação*, 4(2), 31-39. Doi: [10.4025/imagenseduc.v4i2.22222](https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v4i2.22222)
- Ministério do Trabalho e Emprego. (2018). *O que é Economia Solidária?* Brasília. DF. Recuperado em 26 de outubro, 2018, de <http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/o-que-e-economia-solidaria.htm>.
- Moreira, N. C., Ferreira, M. A. M., Lima, A. A. T. F. C., & Ckagnazaroff, I. B. (2012). Empoderamento das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família na percepção dos agentes dos Centros de Referência de Assistência Social. *Revista de Administração Pública*. Doi: [10.1590/S0034-76122012000200004](https://doi.org/10.1590/S0034-76122012000200004)
- Moura, A. F.; & Lima, M. G. (2014). A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*. João Pessoa, 23(1), 98-106.
- Oliveira, A. L. (2004). *O processo de empoderamento de mulheres trabalhadoras em empreendimentos de economia solidária*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Sampaio, J., Santos, G. C., Agostini, M., & Salvador, A. S. (2014). Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. *Interface* (Botucatu). 18 (suppl.2), 1299-1311. Doi: [10.1590/1807-57622013.0264](https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0264)
- Simon, V. P., & Boeira, S. L. (2017). Economia social e solidária e empoderamento feminino. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, 53(3), 532-542, set/dez. Doi: [10.4013/csu.2017.53.3.13](https://doi.org/10.4013/csu.2017.53.3.13)
- Teixeira, A. A. M. & Deus, P. S. (2014). Sociologia e psicologia na economia solidária: a realidade social e o aspecto grupal como forma de organização. In: Scholz, R. H. (org.). *Economia solidária e incubação: uma construção coletiva de saberes*, São Leopoldo: Oikos, 122 -135.

Recebido: 07/08/2019

Aceito: 16/10/2019

Publicado: 25/02/2021

NOTA:

Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.